

SONDAGEM ARQUEOLÓGICA NO COVÃO D'ALMEIDA (EIRA PEDRINHA, CONDEIXA-A-NOVA)

Raquel Vilaça

*Assistente do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra
Bolseira do INIC*

RESUMO. Publicam-se os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados no abrigo natural do Covão d'Almeida (Eira Pedrinha), tendo-se confirmado a sua utilização como necrópole durante o Neolítico Final e Calcolítico. Além do espólio arqueológico e antropológico referente a estes períodos, foi também exumado material cerâmico que comprova a sua ocupação no Bronze Final.

Palavras-chave: Covão d'Almeida, Eira Pedrinha, abrigo sob-rocha, necrópole, ossário, Neolítico Final, Calcolítico. Bronze Final.

ABSTRACT. We publish here the results of the archaeological works done on the natural rock shelter of «Covão d'Almeida» (Eira Pedrinha), which confirm its utilization as a necropolis during the late Neolithic/Calcolithic Age.

Besides the archaeological and anthropological assemblage (bones) found from the periods, ceramic material was also exhumed, corroborating its occupation during the late Bronze Age.

Key-Words: Covão d'Almeida, Eira Pedrinha, rock shelter, necropolis, ossuary, late Neolithic, Calcolithic, late Bronze Age.

INTRODUÇÃO

A identificação de remeximentos recentes e clandestinos no importante abrigo funerário de Eira Pedrinha, conhecido por Covão d'Almeida, proporcionou uma curta intervenção arqueológica, realizada em Setembro de 1986, com colaboração do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro.

Os trabalhos aí realizados, e que contaram com a participação de diversos alunos da variante de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, consistiram na limpeza total do abrigo e na abertura de uma sondagem que permitiu, com base nos elementos conservados numa pequena área, concretizar alguns dados lançados nos anos 40, na sequência de escavações feitas no local.

Esta notícia dá conta dos resultados por nós obtidos, apresentando-se um breve estudo dos materiais arqueológicos exumados. Em estudo autónomo, que se lhe segue, são analisados os restos antropológicos encontrados.

HISTÓRIA DAS PESQUISAS

As grutas de Eira Pedrinha são conhecidas na comunidade científica desde o século XIX, a partir de um breve trabalho de Costa Simões (Simões, 1854), onde o autor dá conta da existência de ossos humanos e «objectos de arte» na gruta de Eira Pedrinha.

Alguns anos depois, em 1895, Choffat debruça-se sobre os tufos de Condeixa e refere a existência de fósseis de flora e de fauna (Choffat, 1895), elementos que irão contribuir para a determinação da idade de formação dos tufos.

Na década de 40 deste século são dados à estampa dois trabalhos de natureza arqueológica e onde se publicam materiais provenientes de grutas e abrigos de Eira Pedrinha.

O primeiro, de Vergílio Correia, informa sobre a existência de cerca de uma centena de peças, recolhidas ao longo de anos durante trabalhos de exploração de pedreiras da zona, e que deram entrada, por compra ou oferta, no Museu Machado de Castro (Correia, 1943). Deste conjunto faz parte, entre outro, material cerâmico atribuível ao Neolítico Antigo de cerâmicas impressas, bem como materiais mais recentes, do Neolítico Final/Calcolítico. Destaque-se neste conjunto a única peça metálica destas jazidas (¹), um machado plano, de cobre ou bronze, do tipo 4B de Monteagudo (Monteagudo, 1977:56).

Este material, em parte desaparecido, é parcialmente publicado, com maior pormenor, no segundo trabalho a que nos referimos e que resultou de escavações feitas, em 1945, no Covão d'Almeida, por Carlos Teixeira e Mendes

Corrêa (Corrêa e Teixeira, 1949). O espólio resultante desta intervenção, hoje no Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, reúne materiais de diferentes épocas, nomeadamente do Neolítico Final/Calcolítico Inicial, Calcolítico Final (Campaniforme) e Bronze Final ⁽²⁾.

Este estudo compreende também a análise antropológica do numeroso espólio osteológico exumado, reunindo cerca de 200 indivíduos (Corrêa e Teixeira, 1949:12), número só superado pelo material do «hipogeu» nº 3 de Carenque (Bubner, 1986:95).

Desde então, o abrigo do Covão d'Almeida tem sido alvo de remeximentos clandestinos, motivo que acabou por proporcionar a nossa intervenção, como já referimos.

É hoje possível, com base nos dados apresentados, distinguir duas realidades arqueológicas na zona de Eira Pedrinha. Por um lado, temos materiais do Neolítico Antigo, provenientes de abrigos ou grutas, e, por outro, temos o espólio do Covão d'Almeida, que nada tem a ver com o mundo das cerâmicas impressas neolíticas, a não ser a prova da ocupação continuada da região de Eira Pedrinha. Esta constatação, aliás, já expressa anteriormente (Vilaça, 1988:19-23), viu-se reforçada com os trabalhos por nós realizados. Com efeito, o material procedente da sondagem que efectuámos no Covão d'Almeida é inserível no Calcolítico Inicial e Bronze Final. Por outro lado, em prospecções realizadas na zona, foram recolhidos dois fragmentos cerâmicos, já publicados (Vilaça, 1988, fig. 1.1/86 e fig. 2.2/86), na barreira da estrada, entre o Covão d'Almeida e a aldeia de Eira Pedrinha, perto do local onde outrora se tinham explorado pedreiras e encontrado o material do Museu Machado de Castro ⁽³⁾.

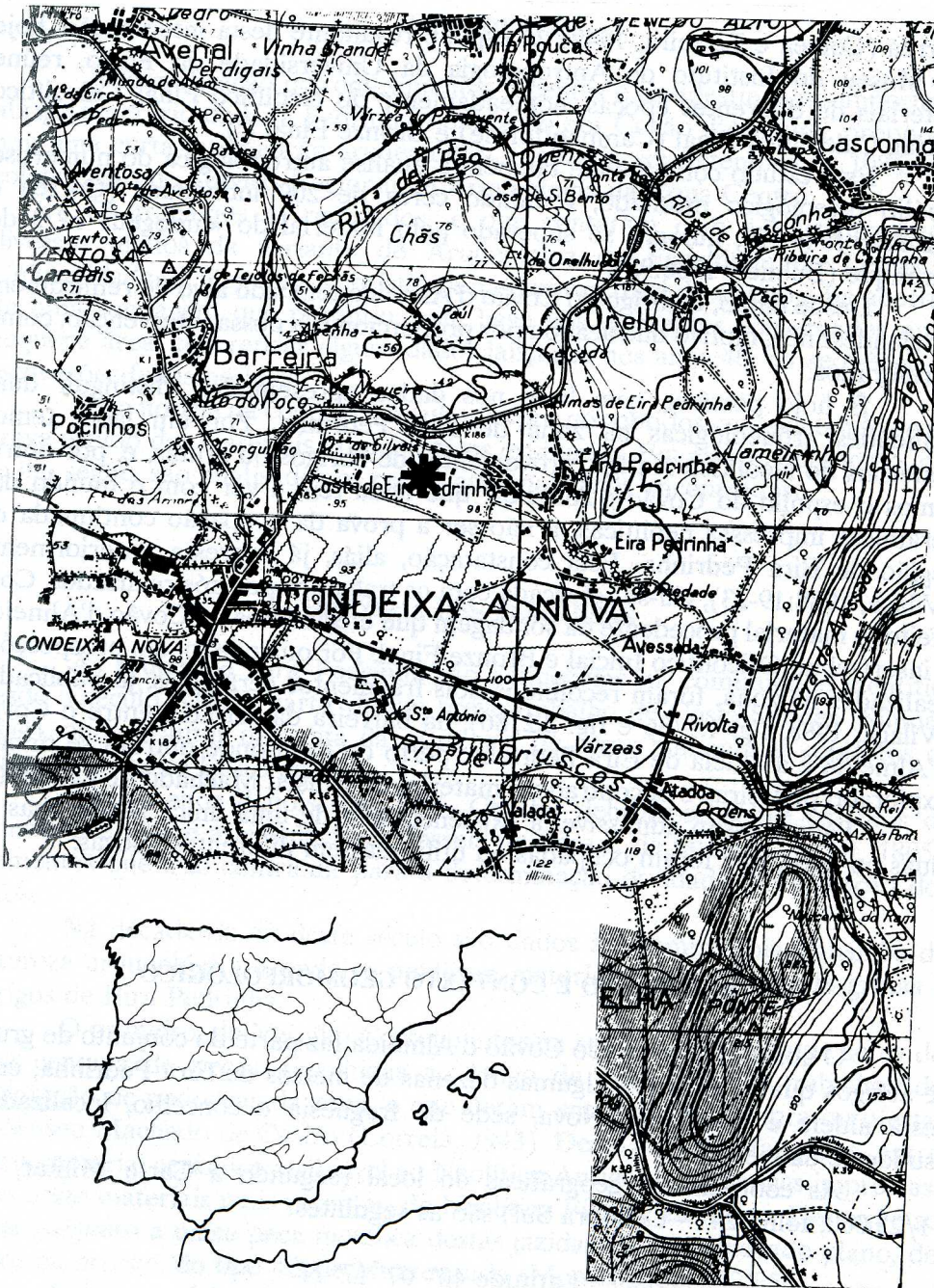
Parece assim admissível a existência não de uma única jazida, mas de duas ou mais, que foram ocupadas ou utilizadas em diferentes épocas.

LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO

O abrigo sob-rocha do Covão d'Almeida faz parte do conjunto de grutas e abrigos que se situam a algumas dezenas de metros de Eira Pedrinha, entre esta aldeia e Condeixa-a-Nova, sede de freguesia e concelho, localizada a sudoeste daqueles.

As coordenadas geográficas do local (segundo a Carta Militar, esc. 1/25.000, folha 241 - Coimbra Sul) são as seguintes:

Latitude 40° 07' 17" N
Longitude 8° 29' 15" W Gr.



Localização do abrigo do Covão d'Almeida na carta 1:25.000 dos S.C.E, folhas nº 241 e nº 251.

Sob o ponto de vista geológico, o Covão encontra-se numa área de contacto da Orla Mesozóica Ocidental com o Maciço Antigo, numa das zonas limítrofes dos terrenos jurássicos e cretácicos a norte do Tejo.

A paisagem envolvente é marcada por superfícies aplanadas, com altitudes que rondam os 90 metros, destacando-se, a nascente, os primeiros relevos do Maciço Antigo, protagonizados pelas Serras de S. Domingos e da Avestada. A poente, encontramos os suaves vales e vertentes que se desenvolvem até às margens do rio Ega, afluente sul do Mondego.

O Covão d'Almeida insere-se no conjunto de tufos calcários que, de Condeixa a Cernache, se dispõem em degraus, ocupando este abrigo o nível dos 70 metros, definido por Gama Mendes (Mendes, 1985:112). A sua formação é atribuída aos períodos mais quentes do Quaternário, nomeadamente ao inter-glaciar Mindel-Riss, no caso do nível que aqui nos interessa. Os tufos deste nível são mais brandos que os travertinos, também existentes na área de Condeixa. Apresentam uma textura pulverulenta e vacuolar, podendo conter restos vegetais e faunísticos, cuja importância como indicadores morfoclimáticos e cronológicos é evidente.

A região encontra-se drenada por numerosos cursos de água, sendo de destacar as ribeiras de Pão, Casconha e Bruscos.

As plataformas mais próximas do abrigo foram outrora cultivadas, mas encontram-se agora abandonadas, possibilitando, assim, o livre crescimento de vegetação diversa, como as silvas e as trepadeiras de heras, que acabam por camuflar os abrigos existentes (Fot. 1).



Fot. 1. Aspecto do abrigo antes da realização dos trabalhos.

DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS E SUA DISCUSSÃO

O Covão d'Almeida é um magnífico abrigo sob-rocha, virado a norte, com cerca de 9 metros de comprimento por 4.5 metros de largura máxima. A sua entrada é hoje bastante mais ampla que a original, resultado da demolição intencional das paredes do abrigo em consequência de trabalhos realizados para alargamento de uma leira. A altura do abrigo é de cerca de 5 metros. Entre a plataforma da base do abrigo e a plataforma de Condeixa, sobre o abrigo, a escarpa atinge os 15 metros.

Todo o espaço interior do abrigo encontrava-se entulhado e sujo. Para se proceder à sua limpeza foi necessário retirar enormes blocos de tufo, por certo caídos do tecto ou arrastados desde o exterior.

Após a limpeza, foi marcada uma sondagem de 9x1.5m, com malha rectangular, orientada a norte e, portanto, perpendicular à parede do fundo do abrigo. Com ela procurámos abranger não só o interior, mas também a plataforma que se desenvolve defronte do abrigo. Além disso, foi posicionada de forma a atingir o que ainda restasse do emparedamento construído por Carlos Teixeira, para protecção duma área não escavada, deixada por ele como testemunho (Fot. 2).

Posteriormente, e em função das condições estratigráficas encontradas, resolvemos ultrapassar os limites da sondagem e escavar o sector oriental do abrigo, até aos limites das suas paredes, superfície com c. de 20m².

A escavação foi feita decapando unidades artificiais, de 10/15 cm de espessura e respectiva peneiração, até à rocha mãe, constituída por afloramento calcário e arenitos de matriz argilosa. As cotas foram estabelecidas em função de um nível zero convencional.

O enchimento do Covão d'Almeida variava de espessura consoante a irregularidade e os ressaltos da rocha de base, tendo-se atingido a profundidade máxima de 1.40 metros. A potência de 3 metros, registada nas escavações dos anos 40, não foi detectada em nenhum ponto do abrigo, nem mesmo no testemunho deixado que, aliás, já se encontrava muito destruído. Com efeito, a área do testemunho, que corresponderia à malha ocupada pelos quadrados A9, A10, A'8 e A'9, apresentava-se em condições idênticas às registadas em todo o espaço escavado, com excepção do A'8 e A'9 que, pelas condições físicas particulares a esse espaço, foram poupados pelos escavadores clandestinos demolidores do testemunho.

Apenas foi possível identificar uma única camada de remeximento, que se desenvolvia até à rocha-mãe. Sobre esta foram recolhidos vidros de garrafas e cerâmica recente, comprovando que a escavação de Carlos Teixeira foi realmente feita até à base do abrigo. As terras que desentulhámos, e que ainda forneceram algum material significativo, correspondiam, por certo, às terras das



Fot. 2. Aspecto do abrigo e sondagem realizada

antigas escavações acumuladas à entrada do abrigo e arrastadas, por agentes naturais, para o seu interior. O seu aspecto era bastante homogéneo ao nível da cor (castanho escuro), da textura (pouco compacta e com pedra miúda) e do material (distribuído regularmente do topo à base).

Como referimos, a pequena área do A'8 e A'9, junto à parede do abrigo, foi poupada pelos violadores. Julgamos que para tal teria contribuído a forma sinuosa e, por isso, difícil de escavar, que o tufo aqui apresenta, formando uma série de cavidades e recôncavos que protegeram os crânios de criança e de adulto aí exumados. Este pequeno espaço continha abundantes restos antropológicos (cf. estudo de Teresa Matos Fernandes que se segue) com algumas conexões anatómicas. A terra era aqui bastante mais compacta e com uma textura argilosa expressiva. Não se notaram quaisquer indícios das cinzas que cobriam, na parte esquerda e mais profunda do abrigo, a chamada «camada dos ossos» (Corrêa e Teixeira, 1949:10) com a qual o nosso nível parece ser correlacionável. A espessura dos sedimentos era aqui de 14/16 cm (Fot. 3).



Fot. 3. Pormenor do A'8, com os crânios nº 3 (subadulto feminino) e nº 4 (infantil)

Na opinião de Carlos Teixeira, os crânios que exumou em condições idênticas às que descrevemos, não teriam sido depositados intencionalmente, mas arrastados pela própria acção da gravidade, dando origem ao estado caótico e fragmentário detectado (Corrêa e Teixeira, 1949:12). Admite-se, porém, no mesmo trabalho que teria sido possível ter-se constituído, logo de início, um confuso ossuário com amontoamento de despojos humanos (Corrêa e Teixeira, 1949:29-30).

Pensamos que esta segunda hipótese é mais credível. Dificilmente se pode aceitar, para o espaço disponível do abrigo, a existência de mais de 150 inumações (Corrêa e Teixeira, 1949:12), mesmo admitindo que os corpos foram depositados ao longo de muito tempo. O que é razoável, é a «arrumação» periódica de antigas deposições, cujo significado seria nulo ou reduzido para os novos utilizadores do abrigo. Assim se apartariam os ossos para áreas limítrofes e menos acessíveis, a fim de deixar lugar a novos enterramentos. Desta forma ter-se-iam acumulado, caoticamente, os crânios e outros ossos que encontramos no A'8 e A'9, formando verdadeiros ossários.

Registe-se também que, nesta operação de transladação dos restos ósseos das deposições primárias para os ossuários, o espólio funerário associado aos primeiros enterramentos acompanhava-os nos novos recintos funerários.

Uma outra hipótese que poderíamos admitir, tendo ainda em conta a relação número de indivíduos/espaço funerário, era a de este abrigo ter funcionado exclusivamente como ossuário. Aqui se acolheriam os restos ósseos de enterramentos primários feitos em locais próximos, ainda não identificados, mas cuja existência sabemos por informação prestada por Manuel Egas a Carlos Teixeira (Corrêa e Teixeira, 1949:7-8). Contra esta hipótese poderíamos argumentar que os casos de ossuários conhecidos em grutas portuguesas — Escoural, Lapa do Fumo (nível pré-campaniforme), Lapa do Bugio e Feteira — estavam sempre agregados a enterramentos primários (Santos, 1971; Serrão e Marques, 1971; Monteiro *et alii*; Zilhão, 1984). Mas, no caso do Covão d'Almeida, aquele geólogo ao descrever as condições de jazida nunca nos fala em sepulturas ou deposições de corpos, antes em «enorme aglomeração de restos esqueléticos humanos» (Corrêa e Teixeira, 1949:10) ou em «abundância de ossos humanos... em que se encontraram seis e sete crânios juntos... imbricados em parte» (Corrêa e Teixeira, 1949:11), etc.. Quem fala de sepulturas regulares e, mesmo assim, a título hipotético, é Mendes Corrêa que, aliás, só esteve um dia na escavação, como visita (Corrêa e Teixeira, 1949: 8-29). Não há portanto, nenhum elemento plausível para acreditar na existência de verdadeiras sepulturas no Covão d'Almeida.

Se esta segunda hipótese fosse correcta, o ritual funerário praticado tomaria um sentido totalmente diferente. O uso do espaço do Covão d'Almeida como ossário deixaria de constituir um recurso a que se recorreria, resultante da falta de espaço que a sobreacumulação de enterramentos provocava, para passar a ser o espaço exclusivo onde se materializaria a última fase dum ritual, por certo bem mais complexo do que julgamos. Esta intenção de prolongar muito para além do momento da morte os restos de entes queridos ou de antepassados mais afastados, continuando a conferir-lhes a deferência parcialmente registada na realidade arqueológica, pode testemunhar, por parte da comunidade que aqui deixou os seus, uma forte coesão familiar ou tribal. Os crânios infantis encontrados podem abonar esta ideia da existência de um sentido de hereditariedade e propriedade consciencioso, que acompanhou as novas formas de estruturação social desenvolvidas durante o Calcolítico.

ESPÓLIO

As condições de jazida atrás referidas condicionam bastante o valor informativo do espólio exumado, uma vez que foram encontrados materiais possivelmente calcolíticos com outros cuja atribuição ao Bronze Final é certa. Sendo assim, não faria sentido estudar o material como se se tratasse de um conjunto homogéneo, pelo que optámos por analisar, com maior exaustividade, apenas aquele que nos mereceu maior atenção. Por outro lado, nem sempre foi possível separar, de forma inequívoca, o material calcolítico do da Idade do Bronze.

Como já informámos, o material cerâmico que recolhemos comportava fragmentos feitos ao torno, recentes, e fragmentos de fabrico manual, estes em número de 390. O estudo destes últimos permitiu identificar 228 bojos, 127 bordos, 9 fundos planos, 20 carenas e 3 indeterminados (temos dúvidas em inclui-los nos bojos ou nos fundos redondos).

O tipo de pasta é bastante diversificado, sendo de assinalar a existência de algumas pastas de constituição calcítica, característica ausente no conjunto do material cerâmico do Neolítico Antigo da Eira Pedrinha, por nós analisado (Vilaça, 1988:19-23).

As superfícies sofreram um tratamento diverso, como o alisamento, que ocorre na maior parte dos casos, e o polimento, por vezes muito intenso, dando lugar a superfícies brunidas. Foram igualmente analisados fragmentos com superfícies estaladas e esponjosas, características que resultaram já do processo de cozedura ou da conservação da cerâmica.

No que respeita às formas, a variedade é assinalável, o que se compreende, tratando-se, como se sabe, de um conjunto heterogéneo. Identificam-se formas abertas e fechadas, esféricas, taças em calote, taças carenadas, ovóides, com ou sem colo marcado, e fundos planos. Os lábios reúnem tipos convexos, planos, oblíquos, espessados e em aba. Registe-se a total ausência de asas.

Dos 380 fragmentos exumados, apenas 8 ostentam decoração:

- decoração plástica, obtida quer pela aplicação de um pequeno mamilo circular sob o bordo, quer com uma nervura vertical repuxada, que arranca directamente do bordo;
- decoração incisa, bastante irregular, com incisões largas, mais ou menos profundas, realizadas nos lábios dos recipientes;
- decoração impressa, registada num único caso, obtida possivelmente por digitação, sobre o lábio;
- decoração «tipo Baiões», também verificada num só caso, correspondendo à variante de finas incisões pós-cozedura; o motivo desenhado compreende uma série de traços paralelos entre si, oblíquos ao bordo, e delimitados ou por um triângulo ou por um losângulo.

Merecem-nos especial referência os fragmentos nº 95 e nº 175.

O primeiro é um fragmento de bordo acinzentado, cuja forma nos parece ser possível enquadrar ao Neolítico Final/Calcolítico Inicial. Corresponde a um vaso de largo bordo reentrante, do tipo dos chamados «vasos de suspensão», provenientes da «camada dos ossos» (Corrêa e Teixeira, 1949:21). Esta forma é comum em contextos megalíticos do Alto Alentejo e corresponde a uma das variantes do grupo 6 definido pelos Leisner (Leisner, 1951:94-95).

O segundo está reduzido a um pequeno fragmento de bordo, de superfícies acastanhadas e fortemente polidas. O seu interesse advém da decoração, feita à base de finos sulcos incisivos após cozedura. Como é do conhecimento geral, esta técnica decorativa é característica do Bronze Final do Centro e Norte de Portugal, sendo já numeroso o número de estações, todas de carácter habitacional, onde ocorre esta típica cerâmica (⁴). A sul do Douro, o achado de Eira Pedrinha é o mais ocidental da série. Os dados cronológicos disponíveis, em concreto datações de Carbono 14, apontam o séc. VIII a. C. como o período de maior utilização e fabrico deste tipo cerâmico.

A análise do material cerâmico do Covão d'Almeida, não obstante a indefinição suscitada por parte dela, veio confirmar a existência de dois ou três horizontes de ocupação: um do Neolítico/Calcolítico, com carácter funerário, o outro, do Bronze Final, supostamente de natureza habitacional ⁽⁵⁾.

Em relação ao material lítico polido, foi encontrado o fragmento mediano (A'8) de um instrumento indeterminado, em quartzito ⁽⁶⁾ intensamente polido, de secção transversal biconvexa.

Das escavações anteriores são referidos alguns machados, não publicados, de acabamento imperfeito.

O material de pedra lascada exumado durante os nossos trabalhos é mais abundante. Encontra-se reunido no Quadro I, com a respectiva descrição técnica.

QUADRO I

(Pedra lascada)

Nº	Local	Matéria-prima	TIPOLOGIA
1	A4 peneiração	sílex	ponta de seta de base bicôncava e bordos rectilíneos, retoque plano, sub-paralelo, total, bifacial e contínuo; ponta partida.
2	A4 peneiração	quartzito hialino	lamela de secção sub-triangular, com ténues retoques no bordo lateral esquerdo.
3	A4 peneiração	sílex	lâmina de secção triangular com retoques marginais, semi-abruptos, paralelos, descontínuos; ponta preparada, destacando-se do corpo da peça, utilizada como furador.
4	A8	sílex	fragmento de lâmina de secção trapezoidal, com retoques marginais, semi-abruptos, sub-paralelos e contínuos.
5	B7	sílex	fragmento de lasca, de secção sub-triangular, com ténues retoques laterais, planos, marginais e localizados.
6	A'8	sílex	lasca de secção triangular, não retocada.
7	A8	sílex	lasca com retoques semi-abruptos, marginais, localizados.
8	B8	sílex	lâmina de secção trapezoidal, com ténues retoques laterais, planos, marginais e distais; com bolbo e talão preparado.
9	A7	sílex	lasca de secção triangular, com minúsculos retoques laterais, simples.

Merece destaque a ponta de seta, proveniente da peneiração das terras do exterior do abrigo. O seu tipo, base bi-côncava e bordos rectilíneos, encontra-se no conjunto das pontas de seta já conhecidas nesta estação, e é frequente em monumentos megalíticos do Centro e Norte do país. A nível regional conhece-se, por exemplo, nos monumentos megalíticos da Figueira da Foz, de Cabecinha Grande, Cabeço dos Moinhos, Carniçosas e Mama do Furo (Rocha, 1949; Vilaça, 1986). Mais a sul, no monumento do Alto da Feteira, próximo de Pombal (Castro e Ferreira, 1969-1970).

Da mesma área da jazida provém uma lamela (7) em quartzo hialino. É peça exclusiva no que respeita à matéria-prima.

Refira-se por fim a peça nº 3, classificada como furador (8), e portanto a única cuja finalidade é bem precisa.

A utensilagem de base laminar era já conhecida em quantidade numerosa, provindo a maioria da «camada dos ossos» (Corrêa e Teixeira, 1949, 13-13).

A utensilagem óssea das antigas escavações também é abundante, mas nós só recolhemos uma única peça, encontrada na base do enchimento (A'7). Trata-se de um alfinete com cabeça postiça tronco-cónica/cilíndrica; está decorada com dois sulcos horizontais, irregulares, em ambas as extremidades. A ponta encontra-se partida. Este tipo, semelhante a outros desta estação, é particularmente abundante em diversos contextos calcolíticos (povoados, antas, grutas naturais e grutas artificiais) do litoral estremenho, Alentejo e Algarve.

Nesta zona foram encontrados tipos afins em estações já referidas, como os monumentos megalíticos do Cabeço dos Moinhos (Rocha, 1949, 157-160) e do Alto da Feteira (Castro e Ferreira, 1969-1970, Est. IV) ou a Gruta dos Alqueves, em Coimbra (Vilaça e Ribeiro, 1987, Est. VII) (9).

A associação destes alfinetes às pontas de seta de base triangular ou com pequeno pedúnculo, também presentes no Covão d'Almeida, é bastante comum em toda a fachada litoral entre o Cabo Mondego e a Península de Setúbal, como assinalaram os Leisner por diversas vezes (Leisner, 1951, 141-143; Leisner *et alii*, 1961, 32-36; Leisner *et alii*, 1969, 83).

CONCLUSÃO

A análise e comparação dos elementos publicados na década de 40 com os que foram posteriormente recolhidos, permitem-nos assinalar uma série de conclusões, de que salientamos as seguintes:

- 1 — O Covão d'Almeida é um abrigo natural sob-rocha utilizado como necrópole de inumação colectiva durante o Neolítico Final/Calcolítico e o Calcolítico Final (Campaniforme);
- 2 — É possível que tenham sido realizados enterramentos primários, posteriormente trasladados para ossários periféricos de que se encontraram testemunhos;
- 3 — No espaço funerário do abrigo foram enterrados indivíduos adultos e crianças de ambos os sexos;
- 4 — A «cultura material», em particular a cerâmica e a utensilagem, associada aos enterramentos apresenta clara ascendência meridional nomeadamente na Estremadura;
- 5 — A posterior ocupação do abrigo foi confirmada pela identificação de cerâmicas atribuíveis ao Bronze Final. Não existem dados seguros para definir a natureza desta ocupação, mas é admissível que tenha sido de carácter habitacional.

NOTAS

- (¹) — Afirmámos num trabalho recente (Vilaça, 1988, 17) que este machado não se encontrava no Museu Machado de Castro, onde dera entrada em 1938. Recentes arrumações nos depósitos deste Museu localizaram e identificaram este machado.
- (²) — A identificação de material cerâmico de Eira Pedrinha atribuível ao Bronze Final é feita, pela primeira vez, por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, com base em material inédito existente no Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto. Estes autores incluem a estação no grupo das estações da «Cultura de Alpiarça», por eles criada (Marques e Andrade, 1971, 139). Posteriormente, a existência de material do Bronze Final foi confirmada na «1ª Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal» (Vários, 1979, 228-229).
- (³) — A identificação deste local foi confirmada pela Sr^a D^a Cecília Egas, filha do pedreiro Manuel Egas, a quem Virgílio Correia comprara diverso material. Também nos é referido que o próprio Manuel Egas confirmara a venda de materiais procedentes de pedreiras e cavernas situadas próximo (Corrêa e Teixeira, 1949, 7-8).

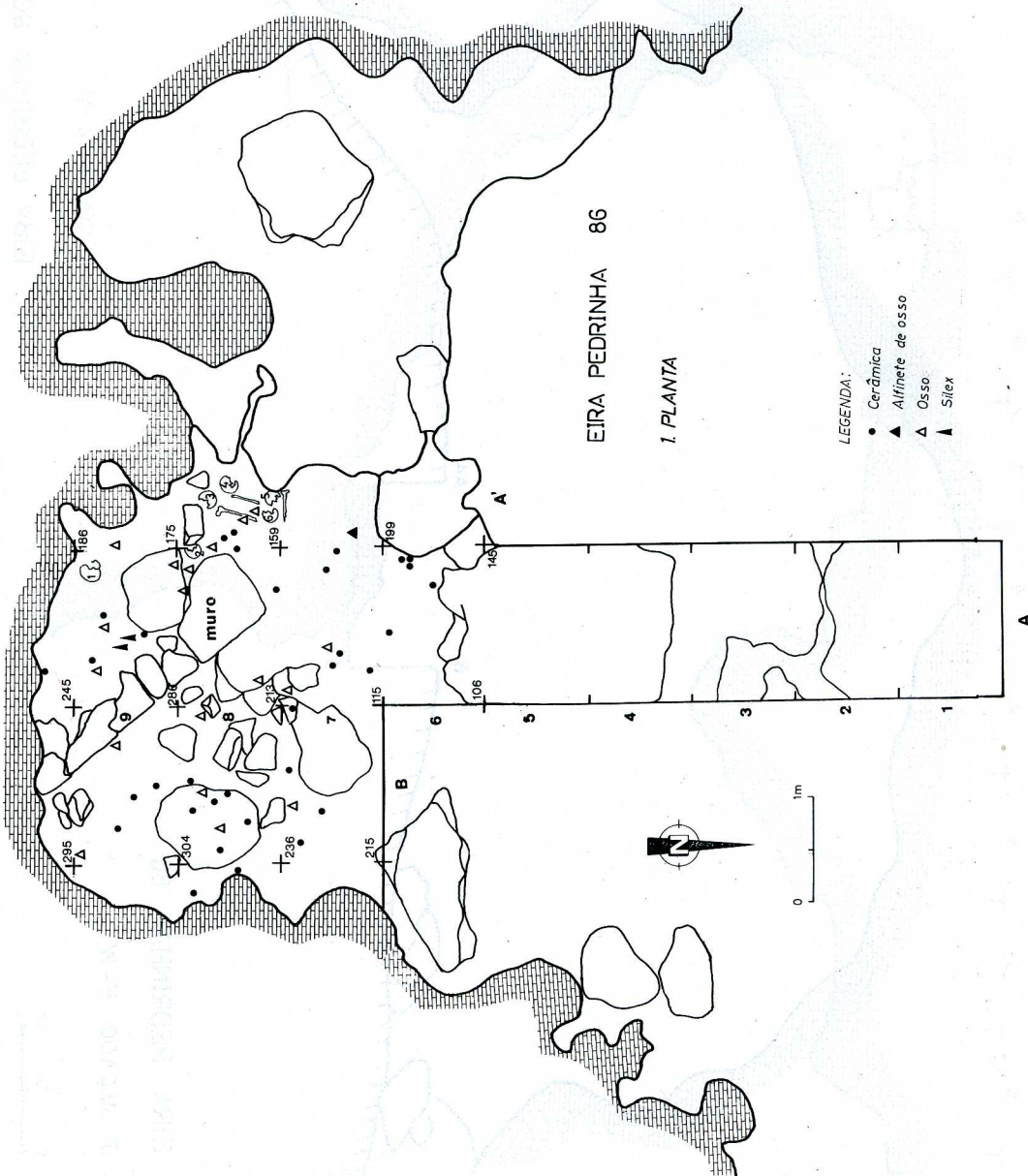
- (⁴) — Por conhecimento directo ou por informações bibliográficas, a cerâmica «tipo Baiões» está presente nas seguintes estações: Castelo de Matos (Baião), Coto da Pena (Caminha), S. Julião (Vila Verde), Bouça de Frade (Baião), Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar), Lavra (Baião), Barbudo (Vila Verde), Monte do Padrão (Santo Tirso), Santa Marta da Falperra (Braga), Pepim (Amarante), Alvarelos (Santo Tirso), Castro da Maga (Castro Daire), Santa Luzia (Viseu), Nossa Senhora do Castro (Vouzela), Nossa Senhora da Guia (Baiões), S. Romão (Seia), Castro da Sr^a do Bom Sucesso (Mangualde), Castro do Outeiro (Beijós), Castro de S. Cosme (Oliveira do Hospital), Alegrios (Idanha-a-Nova), Reboledo (Penedono) e talvez S. Martinho (Castelo Branco).
- (⁵) — As informações de carácter estratigráfico deixadas por Carlos Teixeira sobre o nível do Bronze Final são bastante parcas. Presumimos que este nível corresponderá à primeira camada, com 1.40 m de espessura, encontrada já remexida, e onde foram exumados fragmentos de grandes vasos (Corrêa e Teixeira, 1949, 10 e 12).
- (⁶) — A identificação da matéria-prima foi feita pelo Dr. José Manuel Pinto, do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, a quem agradecemos.
- (⁷) — A distinção entre lâmina e lamela foi feita com base num critério de ordem métrica (cf. Brézillon, 1971, 100 e Merino, 1968, 18-32).
- (⁸) — Na classificação desta peça adoptámos os critérios propostos por Brézillon e Piel-Derruisseaux (Brézillon, 1971, 280 e Piel-Derruisseaux, 1984, 82-88).
- (⁹) — Neste caso, o alfinete a que nos referimos tem cabeça cilíndrica mas é fixa.
- (¹⁰) — O desenho do material arqueológico é da autoria do Dr. José Luís Madeira e do Dr. Paulo Félix.

BIBLIOGRAFIA

- Brézillon, M. 1971. *La dénomination des objets de pierre taillée*, IV supplément à «Gallia-Pré-histoire», Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.
- Bubner, Th. 1986. Restos humanos de Carenque, «*O Arqueólogo Português*», série IV, vol. 4, pp. 93-148.
- Castro, L.A. e Ferreira, O.V. 1969-70. O monumento megalítico do Alto da Feteira (Pombal), «*Caesaraugusta*», 33-34, pp. 41-53.
- Choffat, P. 1895. Notes sur les tufs de Condeixa et la découverte del'hippopotame en Portugal, «*Comunicações da Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal*», T. III, pp. 1-12.

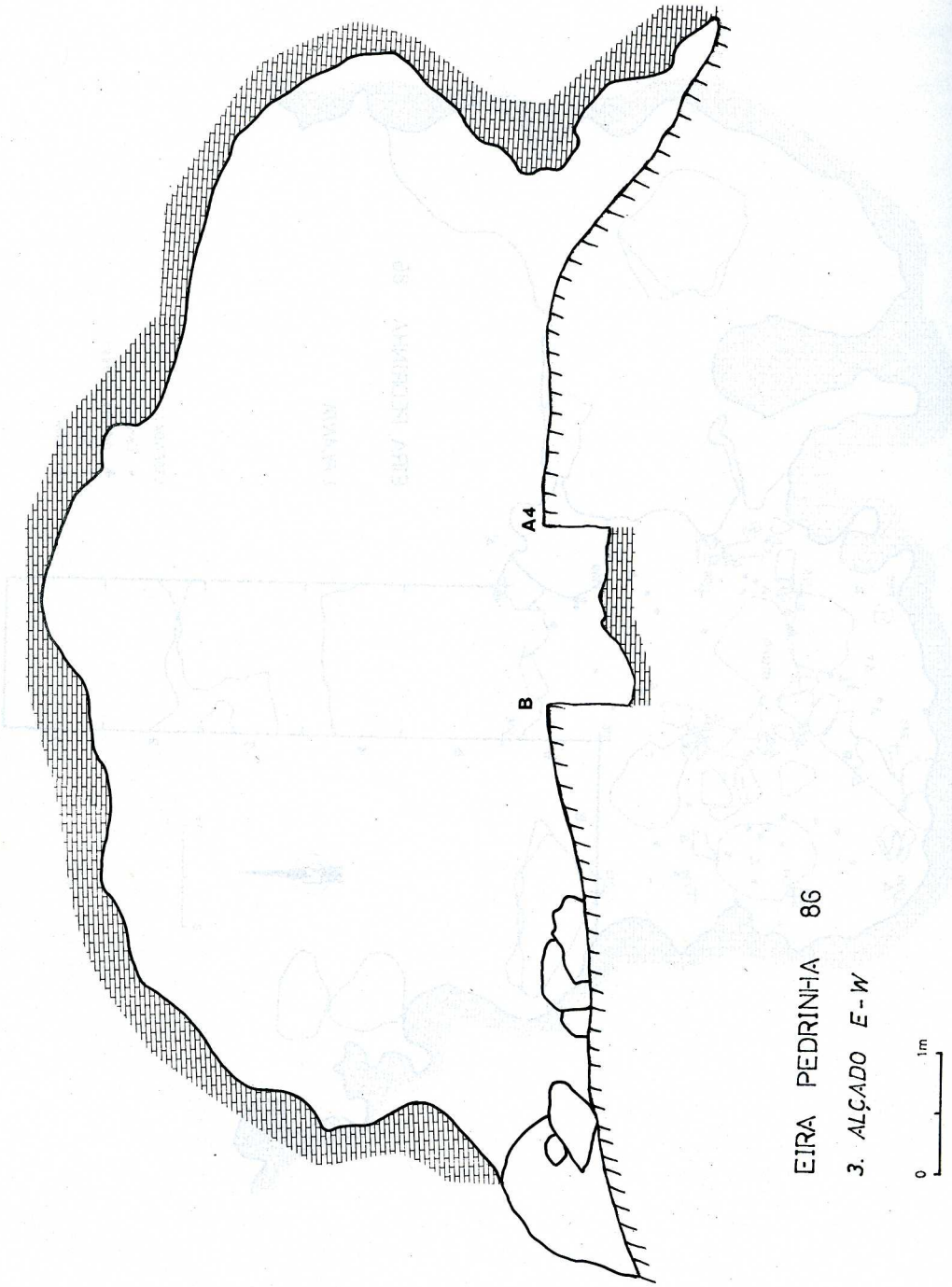
- Corrêa, A.M. e Teixeira, C. 1949. *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- Correia, V. 1943. O Neo-Eneolítico de Eira Pedrinha, «*Actas do IV Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*», T. VIII, 7ª secção, Porto, pp. 37-38.
- Delgado, M.J.F.N. 1884. La grotte de Furninha a Peniche, «*Compte Rendue de la 9^e session à Lisbonne - Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*», Lisbonne, pp. 207-278.
- Gonçalves, V.S. 1978. *A Neolitização e o Megalitismo de Alcobaça*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura.
- Leisner, G. e V. 1951. *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Instituto Para a Alta Cultura.
- Leisner, V. et alii. 1961. Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme, Lisboa, *Memória dos Serviços Geológicos de Portugal*, 8, nova série.
- Leisner, V. et alii. 1969. Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maças et de Casinhos, Lisboa, *Memória dos Serviços Geológicos de Portugal*, 16, nova série.
- Marques, G. e Andrade, M. 1974. Aspectos da Proto-História do Território Português 1 - Definição e Distribuição da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), «*Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*», Porto, vol. I, pp. 125-148.
- Mendes, A.G. 1985. Os tufos de Condeixa - Estudo de Geomorfologia, «*Cadernos de Geografia*», Coimbra, nº 4, pp. 53-119.
- Merino, J.M. 1969. Tipologia Lítica, «*Munibe*», ano XXI (1-3).
- Monteagudo, L. 1977. Die Beille auf der Iberischen Halbinsel, Munchen, *Praehistorische Bronzefunde*, IX, Band 6.
- Monteiro, R. et alii. 1971. Nota Preliminar sobre a Lapa Pré-Histórica do Bugio (Azóia - Sesimbra), «*Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*», Coimbra, vol. I, pp. 107-120.
- Natividade, M.V. 1899-1908. Grutas de Alcobaça, «*Portugália*», Tomo I (1-4), pp. 433-474.
- Piel-Derruisseaux, J.L. 1984. *L'Outil de Pierre Préhistorique*, Masson, Paris.
- Rocha, A.S. 1949. *Memórias e Explorações Arqueológicas*, vol. I, Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Santos, M.F. 1971. Manifestações Votivas da Necrópole da Gruta do Escoural, «*Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*», Coimbra, vol. I, p. 95.
- Serrão, E.C. e Marques, G. 1971. Estrato Pré-Campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra), «*Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*», Coimbra, vol. I, pp. 121-142.

- Simões, A.A.C. 1854. Grutas de Condeixa, «*O Instituto*», 1ª série, Tomo II (4), pp. 43-45.
- Vários. 1979. «Actas da 1ª Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal», Porto, *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, nº 3.
- Vilaça, R. 1986. A Mama da «Mama do Furo» (Figueira da Foz), «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*», XXVI (1-4), pp. 95-128.
- Vilaça, R. 1988. Subsídios para o Estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego, Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, 05.
- Vilaça, R. e Ribeiro, J.P.C. 1987. Escavações Arqueológicas na Gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Coimbra), «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*», XXVII (1-4), pp. 27-64.
- Zilhão, J. 1984. A Gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica, Lisboa, *Trabalhos de Arqueologia*, 01.



LEGENDA:

- Cerâmica
- ▲ Alfínere de osso
- △ Osso
- ▲ Silex



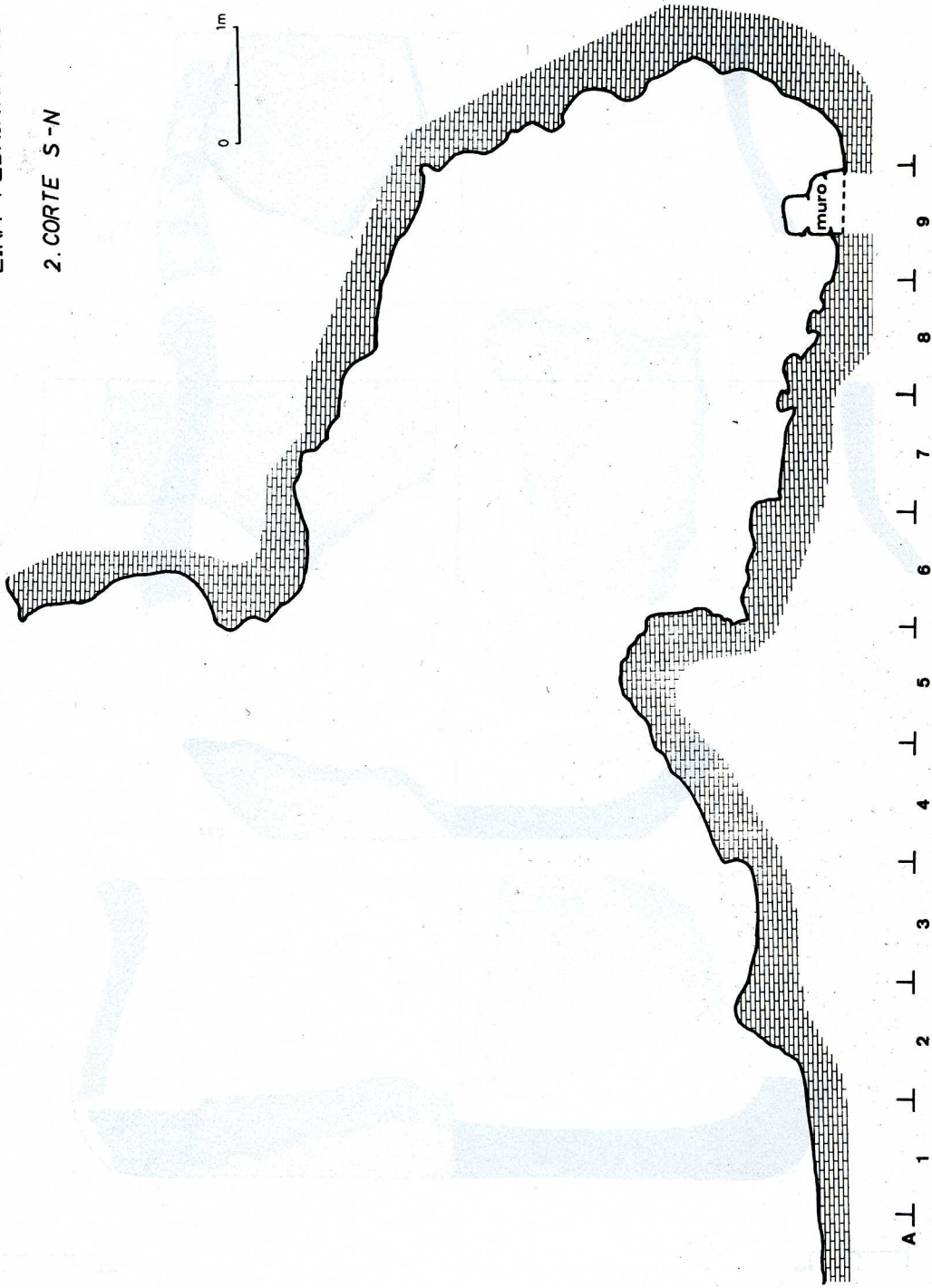
EIRA PEDRINHA 86

3. ALÇADO E-W

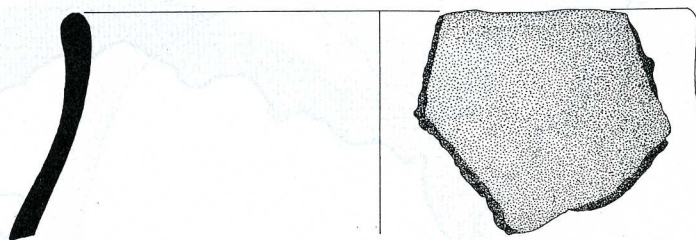
0 1m

EIRA PEDRINHA 86

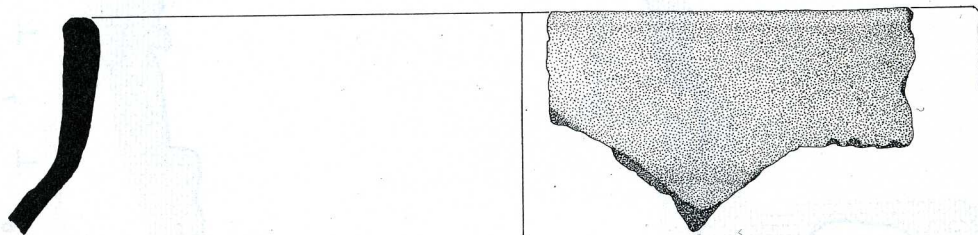
2. CORTE S-N



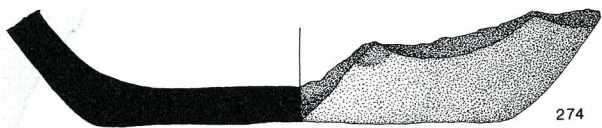
IV



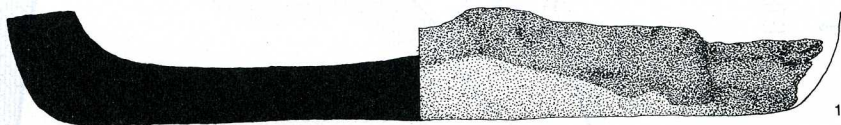
28



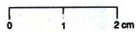
17



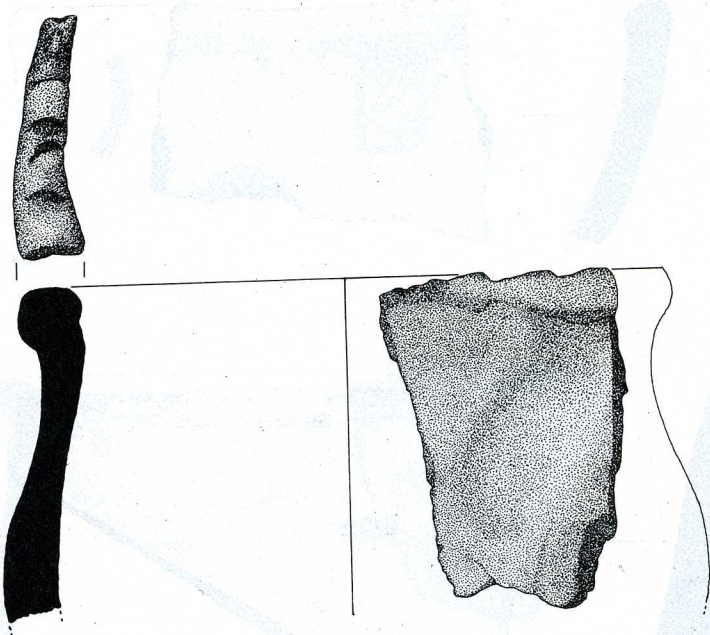
274



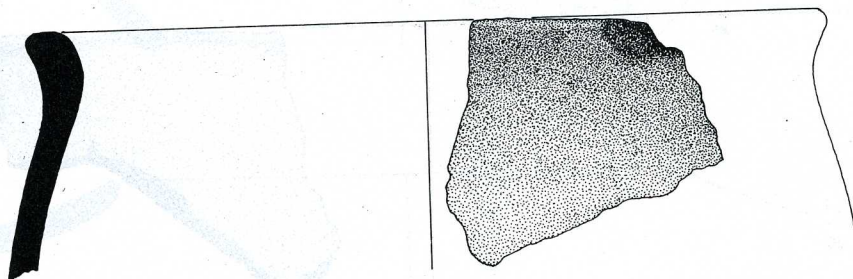
1



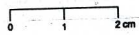
V

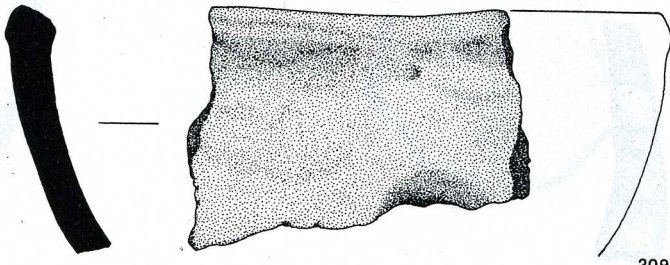


146

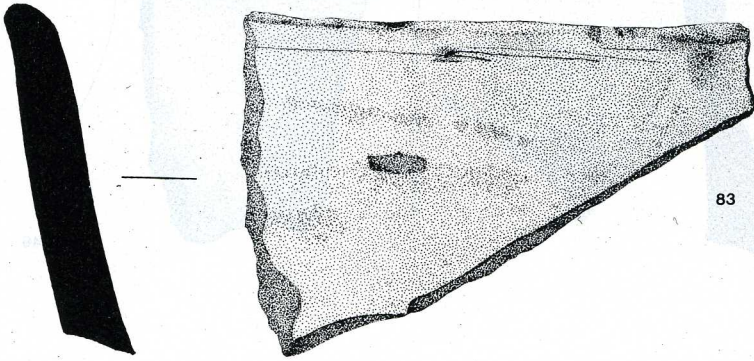


113

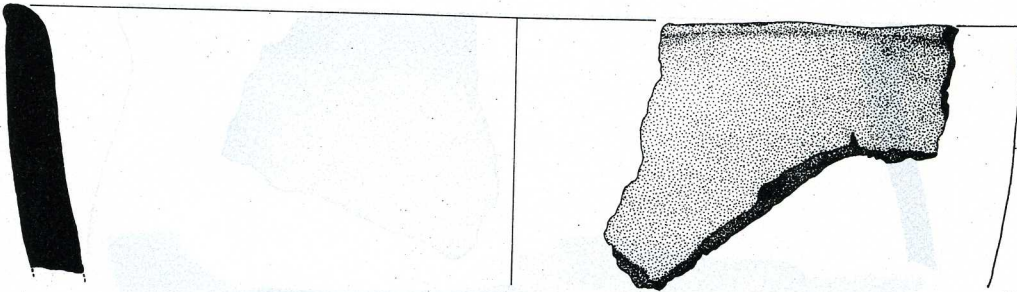




209



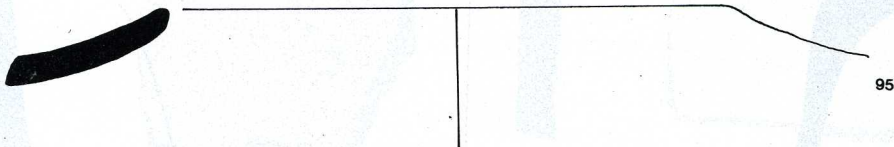
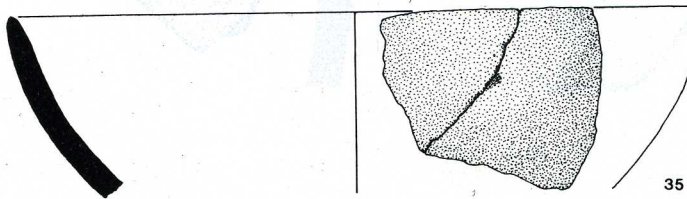
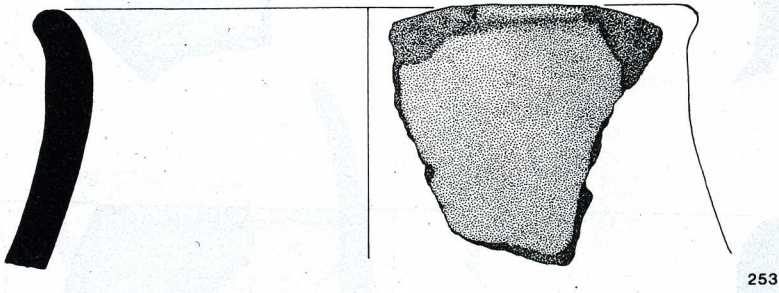
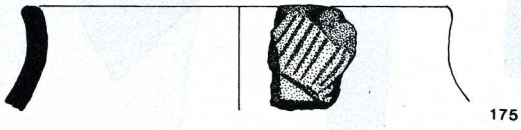
83



151

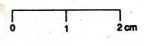
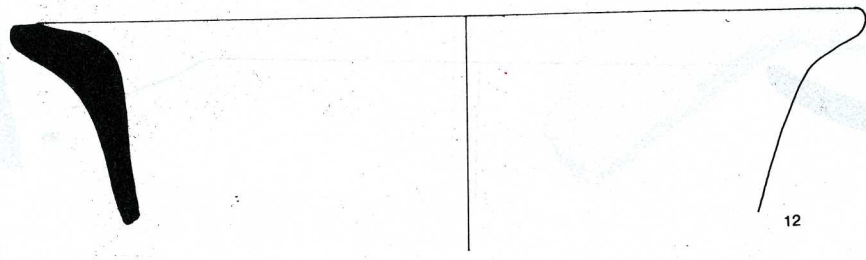
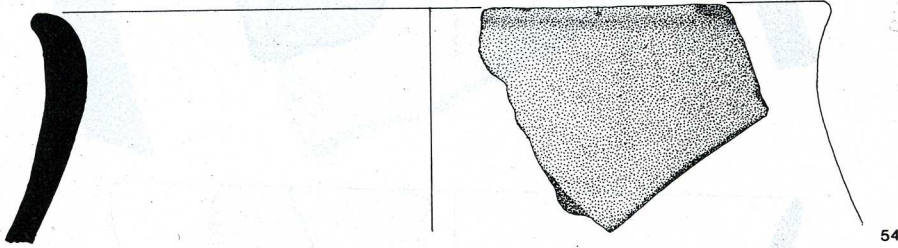
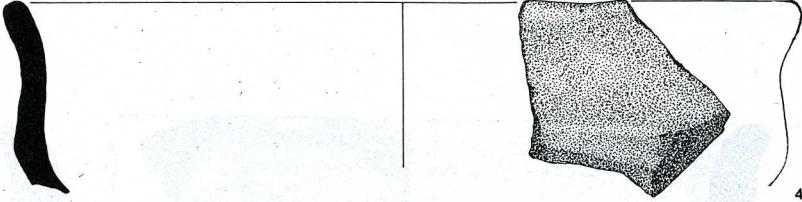
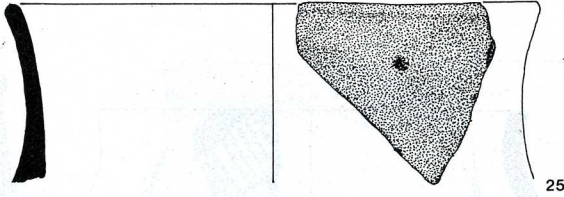


VII

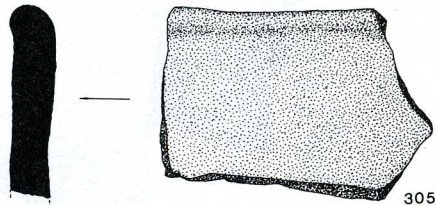
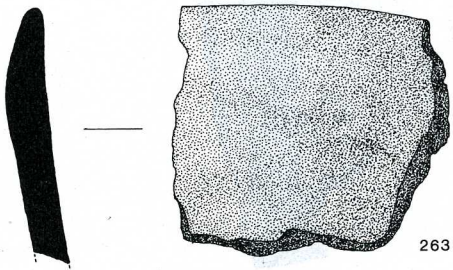
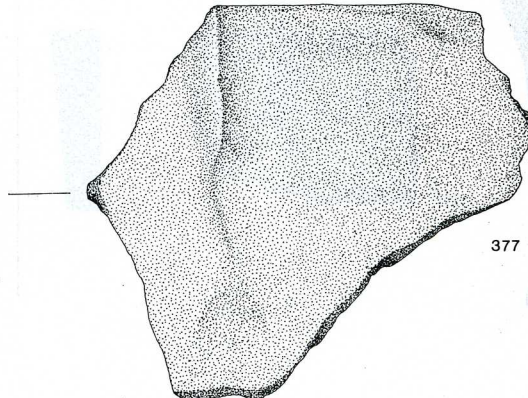
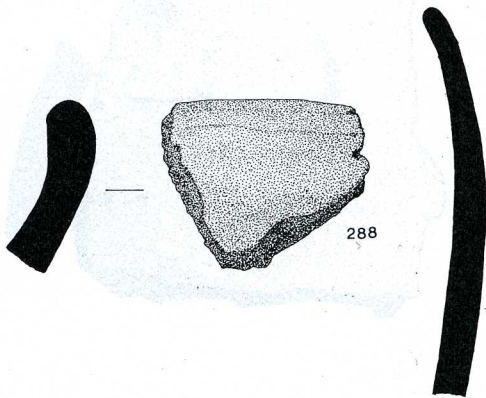
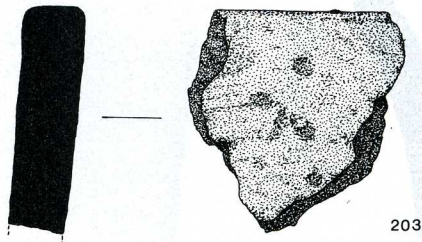
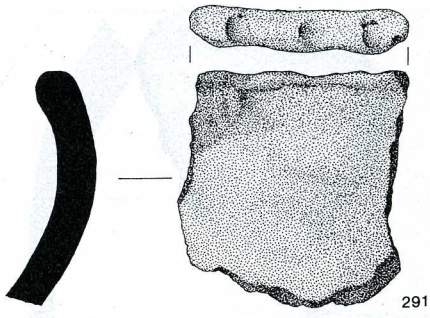


0 1 2 cm

VIII

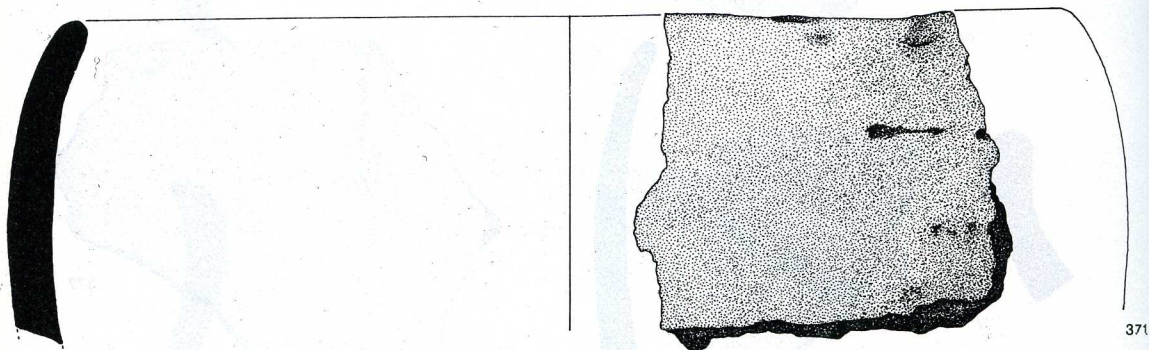
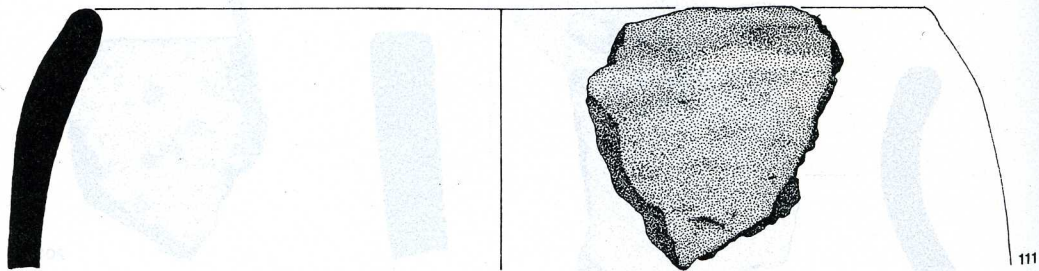


IX



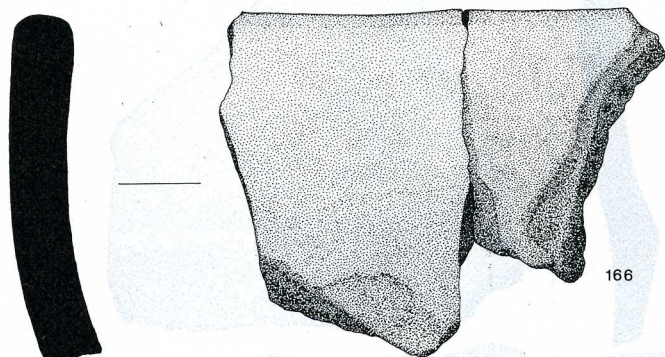
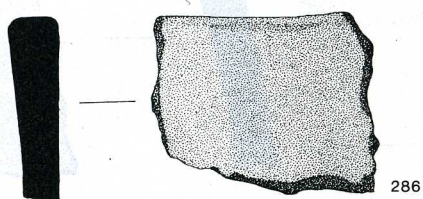
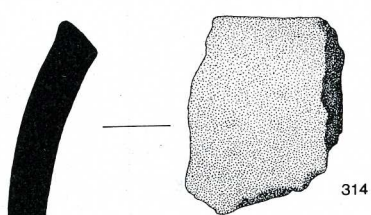
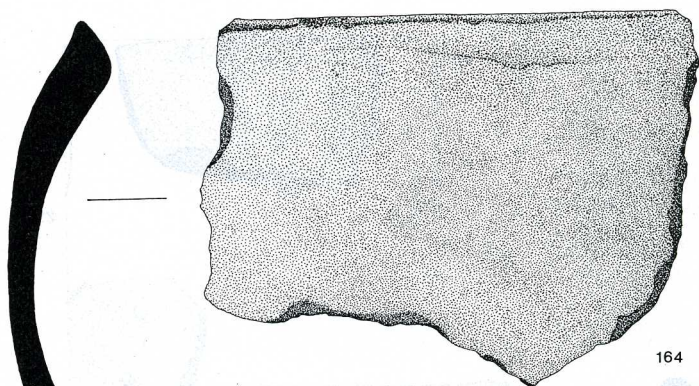
0 1 2 cm

X

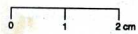
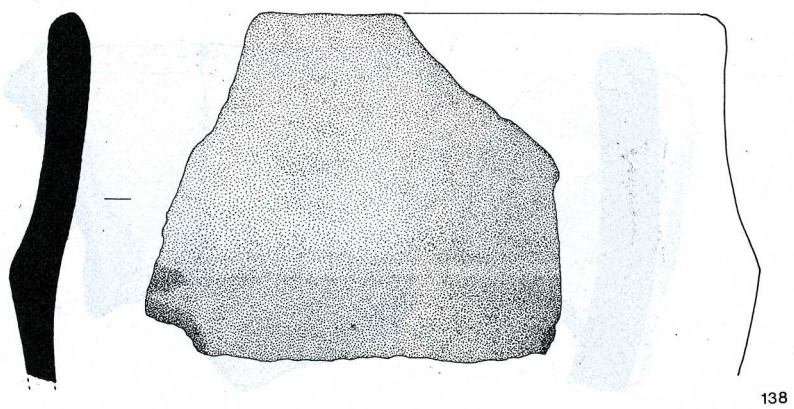
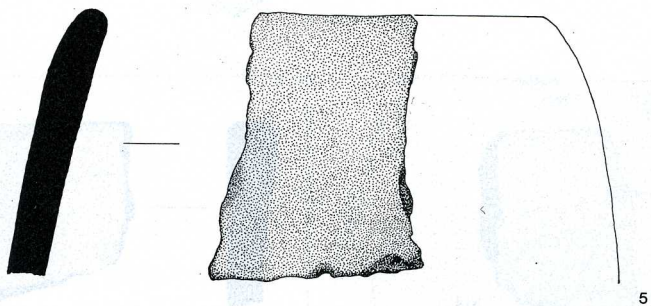
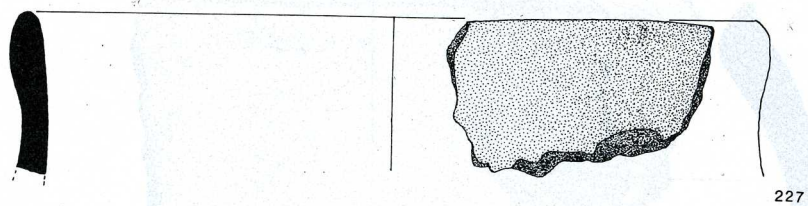


0 1 2cm

XI

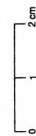
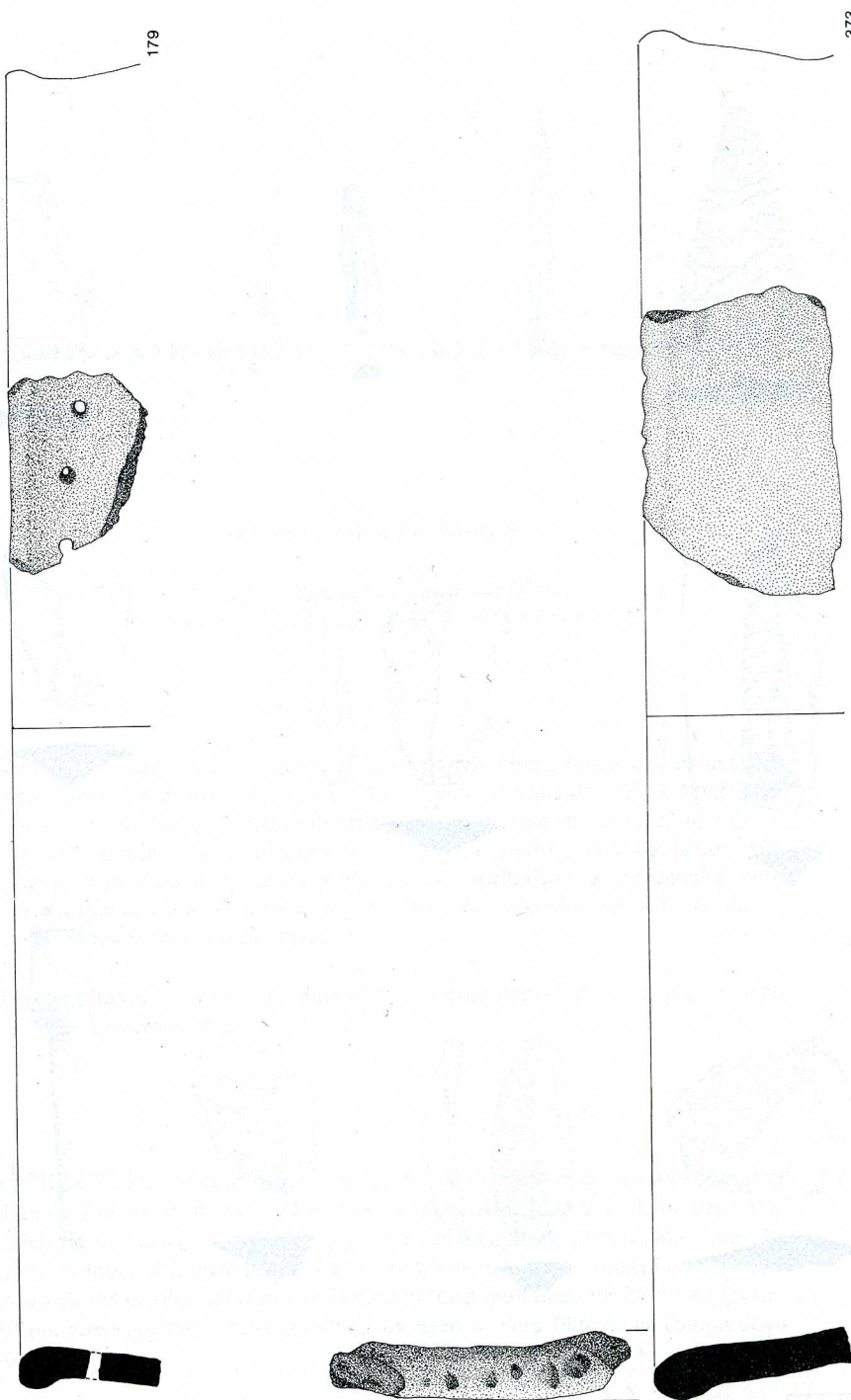


0 1 2 cm

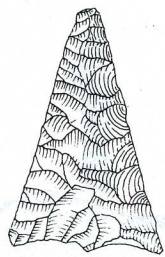


XIII

VIX



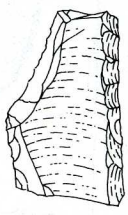
XIV



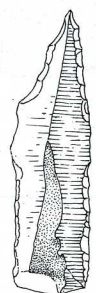
1



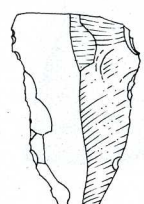
2



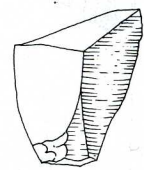
4



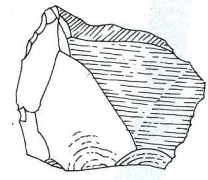
3



5



6



7



8



9



10

